**RETENÇÃO DE PLACENTA EM ÉGUA – RELATO DE CASO**

MOREIRA, Pedro Henrique de Lima¹\*; GONÇALVES, Tiago de Paula¹; ZACARIAS, Giliard Cézar¹; PAULA, Izabella Maria da Cruz de ¹; MACHADO, Elton Sivano¹; FARIA, Samuel Felipe Rodrigues¹; PEDROZA, Heloísa de Paula²

*¹Graduando em Medicina Veterinária, UNIPAC – Conselheiro Lafaiete, MG, ²Professora do curso de Medicina Veterinária, UNIPAC – Conselheiro Lafaiete, MG.* \*pedrohlmoreira@outlook.com

A retenção de placenta (RP) é definida como falha na expulsão de partes ou da totalidade das membranas fetais, em um intervalo de até três horas após o parto, em éguas. A taxa de ocorrência de RP em éguas varia de 2-10% e quando não tratada corretamente pode comprometer a fertilidade futura ou, em casos mais graves, evoluir para quadros de sepse, laminite ou mesmo ao óbito. Objetivou-se relatar um caso sobre retenção de placenta em égua Mangalarga Machador. Uma égua, Mangalarga Marchador, 8 anos, 410 Kg, com histórico de placentite, foi atendida emergencialmente na zona rural de Conselheiro Lafaiete – MG, com a queixa principal de retenção das membranas fetais na região da vulva. De acordo com o proprietário, a égua havia parido a 12 horas atrás e apresentava incapacidade de expulsar a placenta. Durante o exame geral e do sistema genital/obstétrico, constatou-se que o animal, apresentava dor moderada, FC. 55 bpm, FR. 24 e parte da placenta exposta. Para realizar a remoção completa das membranas fetais, foi administrado Ocitocina (10-40Ul/kg, IM, S.I.D.) e o peso do potro foi simulado com água. Decorridos 30 minutos após a realização deste procedimento, ocorreu a expulsão de toda a placenta. Em seguida, foi feita a lavagem uterina com soro Ringer Lactato. A terapêutica utilizada consistiu na administração de penicilina (30.000 UI/kg, IM, S.I.D.) e fenilbutazona (2,2 mg/kg, IV, S.I.D), durante sete dias. Devido ao prognóstico da paciente, também foi realizado tratamento prévio com gelo, também durante sete dias para prevenir a laminite. Durante a inspeção da placenta removida, foi verificado áreas de necrose e comprometimento vascular. Após sete dias a paciente obteve alta e não desenvolveu laminite. Apesar do tempo prolongado de RP com o tratamento instituído de modo adequado, principalmente com a lavagem uterina, houve a expulsão da placenta inteira. Além disso, a terapia sistêmica instituída foi efetiva tanto em prevenir a endometrite quanto quadros sépticos e laminite. Deste modo, o trabalho demonstra que a RP é uma complicação de éguas no puerpério e que o atendimento emergencial é essencial a manutenção da vida do paciente quanto para a viabilidade reprodutiva da fêmea.

**Palavras-chave:** parto,tratamento, útero